ANAIS - Volume. 01, ed. 01, 2016 | eventos.claec.org | ISBN: 978-85-93548-01-7

Histórias noturnas: movimentos LGBTTTs e travestis

Historias nocturnas: movimientos LGBTTTs y travestis

Vagner Barreto Rodrigues[1]

Resumo

Este trabalho busca apresentar algumas reflexões pessoais sobre militância homoafetiva e silenciamentos dentro dos movimentos Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros (LGBTTTs). Partindo do pressuposto de que engajamentos produzem silenciamentos, o trabalho lança luz sobre a presença das travestis na trajetória dos movimentos LGBTTTs, em uma perspectiva histórica. Busca também entender de que forma a relação dos movimentos LGBTTTs com o Estado, especialmente com o setor da Saúde Pública, torna algumas abordagens viciadas em relação às travestis.

Palavras-Chave: Estado; Movimentos LGBTTTs; Travestis.

Resumen

Este trabajo tiene como objetivo presentar algunas reflexiones personales sobre la militancia homosexual y silencios dentro de los movimientos Lésbicos, Gays, Bisexuales, Travestis, Transexuales e Transgéneros (LGBTTTs). Suponiendo que los compromisos producen silencios, el trabajo destaca la presencia de travestis en la trayectoria de los movimientos LGBTTTs, en una perspectiva histórica. El trabajo pretende también comprender cómo la relación de los movimientos LGBTTTs con el Estado, especialmente el sector de la Salud Pública, crean algunos enfoques erróneos en relación a las travestis.

Palabras claves: Estado; Movimientos LGBTTTs; Travestis.

1. Introdução

Este trabalho nasce de uma reflexão sobre a minha militância enquanto homoafetivo e como desdobramento da participação no projeto de extensão *Mapeando a Noite: o universo travesti*, coordenado pela professora Dra. Louise Prado Alfonso, junto ao Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos (GEEUR), no Departamento de Antropologia e Arqueologia (DAA), da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), projeto que teve início em 2016. Quando de um convite para realizar uma fala sobre a história dos movimentos LGBTTTs no Brasil, notei a ausência de reflexão de minha parte, bem como de diversos autores e autoras dos quais me valia para compor a historiografia desses movimentos, sobre a presença histórica de

[1] Mestrando em Antropologia Social e Cultural no Programa de Pós-Graduação em Antropologia do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas (ICH-UFPel). Estudante no Bacharelado em Antropologia do ICH-UFPel. Possui, também, bacharelado em Comunicação Social, com Habilitação em Jornalismo, na Universidade de Caxias do Sul (UCS); vagnerbarreto1991@gmail.com

ANAIS - Volume. 01, ed. 01, 2016 | eventos.claec.org | ISBN: 978-85-93548-01-7

transexuais, transgêneros e, especialmente, travestis, devido ao recorte do projeto de extensão. Que lugares cabem às travestis nas histórias dos diversos movimentos LGBTTTs?

O projeto *Mapeando a Noite: o universo travesti* tem como objetivo entender as experiências das travestis que trabalham à noite nas ruas de Pelotas, especialmente aquelas alocadas na região do centro da cidade, por meio de abordagens multidisciplinares que contemplem, junto aos estudos etnográficos, olhares voltados para a materialidade dessas práticas. A pesquisa etnográfica está embasada nos estudos de Antropologia Urbana (MAGNANI, 2002; VELHO, 2009) que buscam entender os usos da cidade e os diversos agrupamentos nos contextos urbanos.

A Antropologia Urbana no Brasil passa a ser empreendida a partir da década de 1970. Autores como Velho (1973), Cardoso (1988) e Magnani (2003) são responsáveis por algumas das pesquisas com foco nas dinâmicas urbanas e a criação de novos paradigmas sobre a compreensão da cidade. A Antropologia brasileira recebeu em sua formação influência da Escola de Chicago, que teve seu apogeu nos anos 1930, porém, diferentemente da Escola estadunidense, não se voltou, a princípio, para os estudos de grupos urbanos, como guetos étnicos, ou gangues, mas, numa leitura mais próxima à abordagem do antropólogo e sociólogo da Escola de Chicago Robert Redfield, aos "estudos de comunidades", como comunidades indígenas, quilombolas, campesinas e ribeirinhas.

Conforme Durham (1988) e Magnani (2000) é possível notar uma alteração desse cenário acadêmico a partir da década de 1970, motivada especialmente por três fatores: (1) as mudanças na conjuntura política brasileira que passaram a gerar diversas transformações sociais no país e atraíram cada vez mais sujeitos para grandes cidades; (2) a Antropologia começou a ter mais destaque, em grande parte graças ao fascínio gerado pelo estruturalismo de Lévi-Strauss, via Antropologia; e (3) a transformação dos sujeitos clássicos da pesquisa antropológica (indígenas, negros, favelados) em atores políticos essenciais para a compreensão das transformações sociais que ocorriam nas cidades brasileiras.

Para Durham (1988, p. 18),

> O sucesso recente da antropologia está certamente vinculado ao fato de que, hoje, essas minorias desprivilegiadas emergem como novos atores políticos, organizam movimentos e exigem uma participação na vida nacional da qual estiveram secularmente excluídos. Mais ainda, temas como religião ou a sexualidade, o papel da mulher na família e a medicina popular parecem ter se politizado de um momento para outro, passando a possui uma nova importância na compreensão da dinâmica da transformação da sociedade brasileira, dessa forma, assim como sua compreensão específica no trabalho de campo com essas populações, tornaram-se subitamente relevantes politicamente.

ANAIS - Volume. 01, ed. 01, 2016 | eventos.claec.org | ISBN: 978-85-93548-01-7

Neste contexto de transformações socioculturais e políticas surge um novo ator social: o militante homossexual (MACRAE, 1986). Assim, no decorrer das décadas de 1970 e 1980, aparecem os primeiros grupos que serão chamados majoritariamente de Gays, Lésbicas e Simpatizantes (GLS) – sigla consideradas por alguns militantes daquele momento como uma "sigla mercadológica" em detrimento à sigla Gays, Lésbicas e Travestis (GLT), adotada por grupos como o CORSA, de São Paulo, por exemplo (FACCHINI, 2002). Focar na transformação da sigla "guarda-chuva" com a qual os movimentos se intitulam em relação à sociedade é um exercício interessante para notar quem estava incluído, mas também quem foi deixado de fora. Para os movimentos a sigla GLS teve como inspiração a sigla que compunha os nomes dos carros mais cobiçados no momento, os *Gran Luxe Super* (TREVISAN, 2002). Acima de tudo, buscava brincar – de modo subversivo – com o imaginário nacional e a (suposta) paixão dos brasileiros por carros. É importante notar a ausência das travestis na denominação que se tornou hegemônica. Elas serão incluídas apenas mais tarde, nos anos 1990 (FACCHINI, 2002), dentro dos movimentos então entendidos amplamente pela sociedade como Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros (GLBT), a denominação Simpatizantes, que sempre foi alvo de disputas, devido a sua ambiguidade, foi retirada. Ainda nos anos 1990, a sigla mais usual – após a acusação por parte das mulheres de serem colocadas em segundo plano pelos movimentos, liderados majoritariamente por homens – passou a ser Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros (LGBT), o que gerou desconforto e estranhamento entre travestis e transexuais devido a adoção do termo "transgêneros" – com o qual não se auto identificavam (FACCHINI, 2002).

Apresentar o percurso da sigla, mesmo correndo o risco de diminuir debates que foram importantes para a sua instituição, busca atentar para a complexidade do jogo identitários operado pela inclusão ou exclusão de algum termo, e, por consequência, da identidade dos sujeitos associados a ele. Conforme Facchini (2002, p. 206, grifos da autora),

> Assim, os anseios inclusivos, presentes na idéia de *cidadania*, deviam antes passar pela adesão a uma das identidades indicadas no sujeito político do grupo, que implicam a ideia de *orgulho*. Nesses termos, qualquer alteração na lista de categorias alvo da ação, ou a renomeação de uma categoria, implica inclusão ou exclusão de indivíduos concretos.

Atualmente, na busca por inclusão de novos atores sociais, o termo usual que consigo perceber como hegemônico, porém não livre de oposições, costuma ser Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros (LGBTTTs). Nesse sentido, este artigo

ANAIS - Volume. 01, ed. 01, 2016 | eventos.claec.org | ISBN: 978-85-93548-01-7

busca compreender a história desses movimentos, atendo ao tratamento dado às travestis ao longo de sua constituição. É também uma (auto)crítica sobre a representatividade nos movimentos LGBTTTs e a perspectiva masculina que os constituem, visto que engajamentos também geram silenciamentos.

2. Processo metodológico

Uma história noturna (GINZBURG, 1991). Na escavação de discursos sociais, esse trabalho se propõe a buscar, entre escombros teóricos e reflexões do autor, alguns elementos soterrados nas paisagens sociais. Ginzburg (2002), em *Mitos, emblemas, sinais*, mostra como o italiano Giovanni Morelli, por meio de detalhes de segundo plano, como orelhas, unhas e dedos, conseguia identificar falsificações e catalogar obras de artes utilizando detalhes menos óbvios da técnica de artistas. O foco se deslocava das "características mais vistosas, portanto mais facilmente imitáveis, dos quadros" (GINZBURG, 2002, p. 144). As técnicas de Morelli exerceram influência sobre diversas áreas de conhecimento, exatamente por essa característica descentralizada que propõe um olhar periférico para os mesmos objetos. Nessa perspectiva, este artigo se aproxima também dos trabalhos do sociólogo e filósofo alemão Walter Benjamin (1996). Em *Sobre o conceito de história*, o autor versa sobre uma construção da História pensada de forma distinta da sua utilização mais usual. Ao tratar da História, Benjamin se opõe aquilo que ele chama de "historicismo", entendido pelo viés positivista e progressista, que olha o futuro, sem levar em conta a relação deste com o passado. Na perspectiva do autor (BENJAMIN, 1985, p. 223),

> O passado traz consigo um índice misterioso, que o impele à redenção. Pois não somos tocados por um sopro do ar que foi respirado antes? Não existem, nas vozes que escutamos, ecos de vozes que emudeceram? Não têm as mulheres que cortejamos irmãs que elas não chegaram a conhecer? Se assim é, existe um encontro secreto, marcado entre as gerações precedentes e a nossa.

Para Benjamin, mais do que uma soma de acontecimentos, a História é uma construção dialética entre imagens do passado e imagens do presente. É relevante perceber a importância da História para o autor: mais do registrar aquilo que foi, a História deveria se preocupar em preservar aquilo que não veio a ser; aqueles sujeitos que não tiveram a sua voz escutada; aqueles cujas experiências não seriam lembradas, Imagens de esquecimentos. "Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo 'como ele de fato foi'. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo" (BENJAMIN, 1996, p. 224).

ANAIS - Volume. 01, ed. 01, 2016 | eventos.claec.org | ISBN: 978-85-93548-01-7

Escovar a história a contrapelo (BENJAMIN, 1996), faz perceber a exclusão das narrativas das travestis, mas, ora, uma vez que esses sujeitos existem, sua presença é relegada a um segundo plano na história hegemônica – ou na história diurna, para brincar com o título da obra de Ginzburg (1991) – dos movimentos LGBTTTs. Para a travesti e pesquisadora Helena Vieira (2015, Online), com foco na Ditadura Civil-Militar (1964-1985),

> O saber histórico, ou seja, das narrativas, está em constante disputa. Precisa ser visto e revisto o tempo todo. No caso específico das pessoas transexuais, travestis, gays e lésbicas, é preciso um esforço na releitura do período da Ditadura civil-militar para encontrarmos nossa participação.

Aquilo que estava soterrado sob várias camadas vem à luz do dia, abre possibilidades, aponta para resistências. Resíduos revelam histórias de esquecimentos. Imagens novas começam a ser montadas com fragmentos de histórias.

3. Conhecidas de vista

A perspectiva da participação no projeto *Mapeando a Noite: o universo travesti* me possibilitou um duplo deslocamento, às margens das margens, primeiramente como um militante estudante de Antropologia e a seguir como um estudante de Antropologia que estranha a familiaridade de sua militância. Esse deslocamento me possibilitou um olhar que problematizasse minhas práticas e me possibilitou refletir sobre os silenciamentos, ruídos e disputas na construção de uma certa história que me era familiar, mas também de uma história que em era desconhecida. Por quê?

Os anos 1980 no Brasil terminam com a conquista da redemocratização, com espaço, ao menos constitucional, para as diversas "orientações sexuais". Nesse processo, diversos grupos de homoafetivos se dissolveram, naquilo que Perlongher (1993) chamou de "desaparecimento da homossexualidade", visto que a demanda por democracia e, consequentemente, liberdade de expressão sexual, estava na pauta desses coletivos. Também contribui nesse processo o fim do jornal *O Lampião da Esquina*, em 1981, importante meio de comunicação entre os grupos homoafetivos e incentivador da formação de novos grupos.

Tendo a acreditar que a epidemia da AIDS teve um papel fundamental para a configuração de novas dinâmicas adotadas, a partir desse momento, pelos grupos. Com o advento da AIDS, o Brasil surpreendeu ao fornecer, de maneira ampla e pública, acesso aos principais tratamentos disponíveis na época, especialmente a partir dos anos 1990, mesmo que em 1980 já fosse possível encontrar políticas públicas para a doença (GALVÃO, 2000;

ANAIS - Volume. 01, ed. 01, 2016 | eventos.claec.org | ISBN: 978-85-93548-01-7

FACCHINI, 2002). Este fato não deixou de gerar protestos por parte de alguns grupos da sociedade que viam como "um luxo" desperdiçar dinheiro público com uma doença que atingia "apenas" gays (TREVISAN, 2002).

Para Birman (1994, p. 111, grifos do autor),

> Neste contexto, renovam-se antigos temores fundamentais, que foram construídos no imaginário ocidental pelo Cristianismo, onde se teceram de forma inextricável, num estilo grotesco, as *representações da enfermidade, do sexo e do pecado*. O terror da morte funcionou como um operador político deste monumento macabro. Com a Aids a figura da morte se inscreve novamente na experiência do gozo, apresentando-se então, mais uma vez, como o Outro que se interpõe no cenário do prazer. Por isso mesmo a morte é obscena nesta cena, na medida em que a figura da morte canabaliza e devora a experiência erógena.

No processo de entendimento da AIDS, as militâncias passam a se articular não mais com foco na constituição de uma identidade gay (FRY e MACRAE, 1985), mas na prevenção da doença (TREVISAN, 2002), especialmente a partir dos anos 1990, quando as políticas públicas para a AIDS passaram a ser pensadas de forma nacional e o montante de recursos nacionais e internacionais destinados à epidemia começam a ser repassados também para projetos desenvolvidos por grupos homoafetivos. Assim, os movimentos GLS se aproximam do Estado, com foco voltado especialmente para a saúde sexual masculina, com destaque e espaço para grupos liderados por homens. Nesse jogo, lésbicas, travestis, transexuais e transgêneros são colocadas em segundo plano na interlocução com o Estado, via campo da Saúde Pública.

Conforme Galvão (2000, p. 101, grifo da autora),

> A marcada polarização da década de 80 entre ONGs com atividades em HIV/AIDS e Estado vai dando lugar, em meados da década de 90, a formas diferenciadas de cooperação, que vão desde a formalização de convênios para a implementação de atividades, a prestação de consultorias pontuais para o programa nacional de AIDS, a participação em comitês dos mais diversos, até a integração no *starff* do programa nacional, em Brasília, ou a ocupação de cargos de chefia em coordenações de AIDS

Assim, as travestis, quase sempre encontradas em situação de prostituição[2], são pensadas, muitas vezes, como alvo das propostas de Saúde Pública, não sendo vistas como sujeitos com outras práticas não diretamente relacionadas ao seu trabalho. Isso influencia as abordagens das militâncias em relação a esses grupos. Ao mesmo tempo, é possível perceber que o debate sobre outros temas, como o casamento, a adoção de crianças, o direito à herança

[2] Não existem dados governamentais sobre travestis e prostituição. Algumas pesquisas, realizadas por grupos como Associação das Travestis e Transexuais do Triângulo Mineiro, afirmam que 95% das travestis estejam em situação de prostituição. Disponível em: http://www.cartacapital.com.br/blogs/feminismo-pra-que/o-preconceito-contra-transexuais-no-mercado-de-trabalho-2970.html. Acesso em: 13 ago. 2016.

ANAIS - Volume. 01, ed. 01, 2016 | eventos.claec.org | ISBN: 978-85-93548-01-7

chega à pauta dos movimentos, porém, o foco dado às travestis segue, geralmente, ainda no campo da prevenção à DST/AIDS, sem levar em conta necessidades outras, como a exclusão de travestis de postos de trabalho e das universidades, por exemplo.

A participação no projeto *Mapeando a Noite: o universo travesti* abre a possibilidade de conhecer práticas que não estejam associadas diretamente ao mercado de trabalho sexual, mesmo que essa realidade seja considerada. Porém, o projeto busca não limitar esses sujeitos apenas a uma realidade, mas a todo um universo de atividades que, por vezes, escapam às militâncias, o que pode contribuir para a reflexão de novas políticas públicas. Além disso, a extensão, em um curso considerado fortemente teórico, como o Bacharelado em Antropologia da UFPel, incentiva os alunos a relacionarem o conhecimento da academia com a sociedade, da qual não pode estar afastado.

4. Considerações provisórias

A Extensão, como uma prática "além muros", é uma particularidade das universidades brasileiras (RIAL, 2014). Isso aponta para um afastamento existente entre as universidades e os demais campos sociais. Ao mesmo tempo, a desvalorização que a Extensão recebe, em comparação com a pesquisa, por exemplo, reflete uma das faces do produtivismo recorrente no meio acadêmico. Porém, uma formação em Antropologia que esteja desassociada da inserção dos alunos e alunas na sociedade compromete e torna questionável o tipo de formação profissional e sociais que está em prática. Nesse sentido, o projeto *Mapeando a Noite: o universo travesti* foca em grupos em situação de exclusão, muitas vezes afastados historicamente das universidades. A presença de alunos de diversos cursos da UFPel no projeto, bem como de pessoas que não estão ligadas diretamente à universidade, intensifica os debates e torna mais rica a interlocução com as travestis em Pelotas.

Acima de tudo, pessoalmente, esse projeto contribuiu para minha militância, quando percebi a abordagem de "doente em potencial" que, muitas vezes, as militâncias LGBTTTs utilizam na relação com as travestis, via discurso da Saúde Pública. É possível notar que a pauta de prevenção às doenças segue geralmente como a mais relacionada às travestis, enquanto muitas outras demandas se tornaram importantes para os outros sujeitos, sobretudo atualmente, quando o HIV/AIDS não está mais tão presente nos debates públicos como outrora.

Mesmo que estejam apenas iniciando as atividades – e as inserções em campo sejam esporádicas, por questões éticas do trabalho antropológico – já é possível perceber as

ANAIS - Volume. 01, ed. 01, 2016 | eventos.claec.org | ISBN: 978-85-93548-01-7

reverberações das ações entre os envolvidos. Ao mesmo tempo, a inserção em campo e as leituras realizadas sobre o tema não podem deixar de afetar aos pesquisadores e suas práticas, tanto nas universidades como fora delas, o que, acredito, já seja uma realidade para todos os participantes.

Referências

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

BIRMAN, J. A sexualidade entre o mal e as maledicências. Loyola, M. A. (Org.). **AIDS e sexualidade**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, p. 109-116, 1994.

CARDOSO, R. C. L. (Org.). **A aventura antropológica**. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

DURHAM, E. A pesquisa antropológica com populações urbanas: problemas e perspectivas. CARDOSO, R. C. L. (Org.). **A aventura antropológica**. São Paulo: Paz e Terra, p. 17-38, 1988.

FACCHINI, R. **"Sopa de Letrinhas"?** Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90: um estudo a partir da cidade de São Paulo. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

FRY, P.; MACRAE, E. **O que é homossexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

GALVÃO, J. **AIDS no Brasil**. São Paulo: Editora 34, 2000.

GINZBURG, C. **Historia nocturna**. Barcelona: Mucknik Editores, 1991.

GINZBURG, C. **Mitos, emblemas, sinais**. São Paulo: Cia. das Letras, 2002.

LAPA, N. **O preconceito contra transexuais no mercado de trabalho**. Carta Capital, São Paulo, 31 out. 2013. Acesso em: 12 de jul. 2016. Online. Disponível em: http://www.cartacapital.com.br/blogs/feminismo-pra-que/o-preconceito-contra-transexuais-no-mercado-de-trabalho-2970.html.

MACRAE, E. J. B. N. **O militante homossexual no Brasil da abertura**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1986.

MAGNANI, J. G. C. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole.

MAGNANI, J. G. C.; TORRES, L. de L. (Orgs.). **Na metrópole**. São Paulo: EdUSP, p. 12-53, 2000.

MAGNANI, J. G. C. **Festa no pedaço**. São Paulo: UNESP, 2003.

PERLONGHER, N. O desaparecimento da homossexualidade. LANCETTI, A. et al. **Saúdeloucura 3**. São Paulo: Hucitec, p. 39-45, 1993.

ANAIS - Volume. 01, ed. 01, 2016 | eventos.claec.org | ISBN: 978-85-93548-01-7

RIAL, C. S. de M. Roubar a alma: ou as dificuldades da restituição. **Tessituras**, Pelotas, v. 2, n. 2, 2014.

TREVISAN, J. S. **Devassos no paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. Rio de Janeiro: Record, 2002.

VELHO, G. **A utopia urbana**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

VELHO, G. Antropologia Urbana: encontro de tradições e novas perspectivas. **Sociologia, Problemas e Práticas**, Lisboa, n. 59, p. 11-18, 2009.

VIEIRA, H. **Onde estavam as travestis durante a ditadura?** Revista Fórum, São Paulo, 05 abr. 2015. Acesso em: 13 jul. 2016. Online. Disponível em: http://www.revistaforum.com.br/osentendidos/2015/04/05/onde-estavam-travestisdurante-ditadura/.